O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratizacão mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano VII | Volume 21 | Nº 61 | Boa Vista | 2025

http://www.ioles.com.br/boca

ISSN: 2675-1488

https://doi.org/10.5281/zenodo.14868247

BOLETIM DE CONJUNTURA

www.ioles.com.br/boca

ANÁLISE DE UM PROJETO PEDAGÓGICO EM ENFERMAGEM SOB A ÓTICA DE PAULO FREIRE E BELL HOOKS[1]

Ester Sueli do Nascimento Cadengo[2]

Ana Lúcia Nunes de Sousa[3]

Maiana Eloí Ribeiro dos Santos[4]

Resumo

Este artigo analisa o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Enfermagem de uma universidade pública do Rio de Janeiro, com o objetivo de compreender como ele contribui para a formação de profissionais críticos, reflexivos e comprometidos com a equidade em saúde, à luz das pedagogias de Paulo Freire e bell hooks. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, fundamentada na análise documental e na análise temática, que examinou o PPC e as grades curriculares de um curso de enfermagem. Os dados foram organizados em categorias temáticas, permitindo identificar como os componentes curriculares dialogam com as pedagogias críticas, enfatizando a transformação social, o diálogo, a conscientização e o empoderamento dos estudantes. A partir da análise, emergiram três categorias: formação voltada para as necessidades do Sistema Único de Saúde (SUS); formação voltada para o papel educativo da enfermeira em perspectiva interseccional; e formação voltada para o combate às desigualdades étnico-raciais e cuidado como resistência. Conclui-se que o estudo reforça a importância de currículos que articulem teoria e prática, incorporando abordagens interseccionais e perspectivas decoloniais na formação em enfermagem.

Palavras-chave: bell hooks; Currículo; Educação em Enfermagem; Equidade em Saúde; Paulo Freire; Pedagogia Crítica.

Abstract

This article analyzes the Pedagogical Project of the Nursing Course (PPC) at a public university in Rio de Janeiro, with the aim of understanding how it contributes to the training of critical, reflective professionals committed to health equity, in light of pedagogies by Paulo Freire and bell hooks. This is a qualitative research, based on documentary analysis and thematic analysis, which examines the PPC and the curricular notes of a nursing course. The data was organized into thematic categories, allowing us to identify how the curricular components dialogue with critical pedagogies, emphasizing social transformation, dialogue, awareness and empowerment of students. From the analysis, three categories emerged: external training for the needs of the Unified Health System (SUS); external training for the educational role of nurses from an intersectional perspective; and external training to combat ethnic-racial inequalities and care as resistance. It is concluded that the study reinforces the importance of curricula that articulate theory and practice, incorporating intersectional approaches and decolonial perspectives in nursing training.

Keywords: bell hooks; Critical Pedagogy; Curriculum; Health Equity; Nursing Education; Paulo Freire.

[1] A presente pesquisa contou com o apoio institucional da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

[2] Doutoranda em Ciências e Saúde pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: estercadengo@gmail.com

[3] Professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutora em Comunicação e Jornalismo. E-mail: anabetune@gmail.com

[4] Doutoranda em Ciências e Saúde pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: eloimaiana@gmail.com

INTRODUÇÃO

A formação em enfermagem no Brasil atravessa um momento crucial, demandando uma análise crítica e reflexiva sobre seus currículos e projetos pedagógicos. Diante de um contexto social marcado por desigualdades e injustiças, é fundamental que a formação de enfermeiros transcenda uma abordagem tecnicista e reducionista, preparando profissionais para atuar em cenários diversos e complexos, comprometidos com a equidade em saúde e a transformação social.

As desigualdades sociais, raciais e de gênero impactam diretamente o campo da saúde, influenciando o acesso, a qualidade do atendimento e os desfechos clínicos de diferentes grupos populacionais e comunidades. As disparidades raciais, por exemplo, se manifestam em indicadores que revelam condições de saúde mais precárias para a população negra, enquanto as desigualdades de gênero evidenciam a vulnerabilidade das mulheres a diversas formas de violência e discriminação. Esses fatores reforçam a necessidade de uma formação em enfermagem que não apenas reconheça tais desigualdades, mas que também instrumentalize os futuros profissionais para enfrentá-las de forma crítica e transformadora.

Além dos desafios sociais, o ensino da enfermagem enfrenta limitações estruturais e pedagógicas. A persistência de modelos de ensino tradicionais, baseados na memorização e na reprodução de técnicas, dificulta o desenvolvimento do pensamento crítico e da capacidade de intervenção na realidade. A crise financeira vivenciada pelas universidades públicas e privadas também agrava esse cenário, resultando em currículos fragmentados, descontextualizados e distantes dos cenários de prática. A pandemia da COVID-19 intensificou essas fragilidades, ampliando a oferta de cursos na modalidade de educação a distância (EAD) e reduzindo a vivência dos estudantes em ambientes clínicos e diferentes cenários e realidades sociais, comprometendo a formação profissional.

Nesse contexto, torna-se imperativo repensar a educação em enfermagem, buscando um modelo que promova a construção de profissionais críticos, reflexivos e engajados na transformação social. As pedagogias de Paulo Freire e bell hooks oferecem subsídios teóricos fundamentais para essa reconstrução. Freire propõe uma educação dialógica e emancipatória, centrada na conscientização e no compromisso social, enquanto hooks amplia essa perspectiva ao incorporar um olhar interseccional, feminista e antirracista à prática educacional. Ambas as abordagens reforçam a necessidade de um ensino que valorize a experiência dos estudantes, o pensamento crítico e a construção coletiva do conhecimento.

Dessa forma, este artigo tem como objetivo analisar o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de enfermagem de uma universidade pública do Rio de Janeiro, investigando de que maneira ele contribui

para a formação de profissionais críticos, reflexivos e comprometidos com a equidade em saúde, à luz das pedagogias de Freire e hooks. A pesquisa justifica-se pela necessidade de superar as lacunas presentes nas práticas educacionais em enfermagem, promovendo um currículo que valorize a experiência dos estudantes, a empatia, o cuidado integral e o desenvolvimento de práticas pedagógicas críticas e humanizadoras. O problema central que orienta este estudo é: como o projeto pedagógico de um curso de enfermagem pode integrar as perspectivas de Paulo Freire e bell hooks para promover uma formação crítica, reflexiva e comprometida com a equidade em saúde, considerando os desafios contemporâneos e as desigualdades sociais, raciais e de gênero no Brasil?

O marco conceitual deste estudo ancora-se na pedagogia crítica, que busca romper com modelos tradicionais de ensino e promover a construção de um currículo emancipatório. As pedagogias de Freire e hooks fornecem um arcabouço teórico para repensar o currículo e as práticas pedagógicas em enfermagem, com foco na transformação social, no diálogo, na conscientização e no empoderamento dos estudantes. A partir dessa perspectiva, o cuidado é compreendido como resistência, como uma luta contínua contra as desigualdades que estruturam a sociedade e os sistemas de saúde.

Para responder a essa questão, a pesquisa adota como metodologia uma abordagem qualitativa, fundamentada na análise documental e na análise temática, para examinar o PPC e as grades curriculares do curso analisado. Os dados foram organizados em categorias temáticas, possibilitando a identificação de como os componentes curriculares dialogam com as pedagogias críticas de Freire e hooks. O artigo está estruturado em quatro seções. Além desta introdução, a segunda seção apresenta a fundamentação teórica, abordando as contribuições das pedagogias de Freire e hooks para a formação em enfermagem. A terceira seção detalha a metodologia da pesquisa, incluindo os procedimentos de coleta e análise de dados. A quarta seção expõe os resultados e a discussão, destacando as principais contribuições do estudo. Por fim, as considerações finais sintetizam os achados da pesquisa e apontam caminhos para futuras investigações na área.

A CONSTRUÇÃO DE UM CURRÍCULO DE ENFERMAGEM CRÍTICO E EMANCIPATÓRIO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

A construção de um currículo crítico e emancipatório para a formação em enfermagem exige uma reflexão profunda sobre as teorias de currículo e suas implicações para a educação em saúde. O currículo não é apenas um conjunto de conteúdos a serem transmitidos, mas um projeto político-pedagógico que reflete valores, concepções de mundo e intencionalidades educativas (APPLE, 2019; YOUNG, 2014). Nesse sentido, as teorias críticas de currículo, como as propostas por Paulo Freire e

bell hooks, oferecem um arcabouço teórico essencial para repensar a formação de profissionais de enfermagem em um contexto marcado por desigualdades sociais e demandas por equidade em saúde.

Freire (2019) e hooks (2017) defendem uma educação que transcenda a mera transmissão de conhecimentos, promovendo a conscientização, a autonomia e a transformação social. Para Freire, o currículo deve ser construído a partir do diálogo entre educadores e educandos, considerando as realidades concretas e as experiências vividas pelos estudantes. Essa abordagem dialógica e problematizadora desafia o modelo tradicional de educação, que muitas vezes reproduz estruturas opressoras e desconsidera as particularidades culturais e sociais dos indivíduos (FREIRE, 2019; BERNARDINO *et al.*, 2021).

Dessa forma, a relevância da Pedagogia do Oprimido (2019) e de toda a obra de Paulo Freire para a construção curricular na educação brasileira está fundamentada em propostas epistemológicas que integram teoria e prática, ocorrendo uma práxis autêntica e libertadora, capaz de emancipar os oprimidos da dominação dos opressores (BERNARDINO *et al.,* 2021). hooks, por sua vez, enfatiza a importância de uma pedagogia engajada, que reconheça as relações de poder e os marcadores sociais da diferença, como raça, gênero e classe, na experiência educativa (HOOKS, 2017).

No contexto internacional, autores como Michael Apple e Michael Young têm contribuído significativamente para a discussão sobre currículo crítico. Apple (2019) argumenta que o currículo é um campo de disputa política, onde diferentes grupos sociais buscam influenciar o que é ensinado e como é ensinado. Young (2014) destaca a importância de um currículo que promova a justiça social, capacitando os estudantes a questionarem as estruturas de poder e a atuar como agentes de transformação. Essas perspectivas internacionais ressoam nas ideias de Henry Giroux, um dos principais autores da pedagogia crítica, que também concebe o currículo como um espaço de poder e emancipação, assim como um caminho para a justiça social (GIROUX, 2023; GIROUX, 2024).

Giroux, influenciado por Paulo Freire, defende um currículo que promova a justiça social e a transformação da sociedade. Assim como Apple, Giroux reconhece o currículo como um campo de disputa política, onde as relações de poder e as ideologias dominantes se manifestam. Para Giroux, o currículo não é neutro, mas carrega as marcas da cultura, da história e da política (GIROUX, 2023). Em sintonia com Young, Giroux defende um currículo que empodere os estudantes a questionar as estruturas de poder e a construir um mundo mais justo e igualitário (GIROUX, 2023; GIROUX, 2024).

Essa visão de currículo como espaço de poder e emancipação é fundamental para a formação em enfermagem, uma profissão que lida diretamente com questões de saúde, cuidado e justiça social (FIELDS *et al*., 2022). A pedagogia crítica, ao enfatizar o diálogo, a conscientização e a transformação social, oferece um arcabouço teórico para a construção de um currículo de enfermagem que empodere

os estudantes a atuarem como agentes de mudança na sociedade (FIELDS *et a*l., 2022). Desta forma, é crucial que o currículo de enfermagem seja um espaço de reflexão crítica sobre as relações étnico-raciais, promovendo a igualdade racial e desafiando as noções de democracia racial que mascaram o racismo estrutural (SILVEIRA; EUGENIO, 2022). Também é importante que o currículo estimule a reflexão sobre os fatores que levam à evasão dos cursos de graduação, buscando estratégias para garantir a permanência dos estudantes e a conclusão de seus estudos (CARVALHO; MACHADO, 2024)

Além disso, no cenário atual, marcado pela presença crescente das tecnologias digitais na sociedade, o currículo deve integrar a cultura digital de forma crítica e reflexiva, promovendo a inclusão digital e o uso das tecnologias a serviço da aprendizagem e da transformação social (SILVEIRA *et al*., 2023). A enfermagem, como uma profissão que lida com o cuidado e a saúde das pessoas, deve estar atenta aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), incorporando a discussão sobre sustentabilidade em seu currículo (FIELDS *et al*., 2024). A sustentabilidade, como um conceito amplo que abrange as dimensões ambiental, social e econômica, se alinha à pedagogia crítica de bell hooks, que defende uma educação transformadora, que promova a justiça social e a equidade (HOOKS, 2017; HOOKS, 2003)

Em suas obras “Ensinando a transgredir” (2017) e “Ensinar a esperança” (2003), bell hooks aprofunda a discussão sobre a pedagogia crítica, com foco nas questões de gênero, raça e classe social. A autora argumenta que a educação deve empoderar os estudantes a resistir às formas de opressão e a construir uma sociedade mais justa e igualitária (HOOKS, 2017; HOOKS, 2003). Pensando a partir da proposta de hooks, pode-se dizer que a construção de um currículo emancipador requer a adoção de epistemologias que promovam a transformação social e a emancipação dos sujeitos (KOCHHANN, 2023).

Dentre as diversas tendências pedagógicas discutidas por Libânio (2013), a abordagem histórico-crítica se destaca por propor um caminho para superar a fragmentação, a linearidade e o caráter excessivamente disciplinar dos currículos tradicionais. Essa perspectiva, que inclui fases como a problematização, busca integrar os conhecimentos de forma mais contextualizada e crítica, promovendo uma educação que não apenas transmite informações, mas também estimula a reflexão e a transformação social (KOCHHANN, 2023). A pedagogia crítica e a ação reflexiva tem um importante papel na construção de um currículo que empodere os estudantes a questionar as estruturas de poder e a agir como agentes de mudança (HOOKS, 2017; HOOKS, 2003; KOCHHANN, 2023).

Diversos autores da atualidade têm se dedicado a aprofundar e atualizar as ideias de Freire e hooks no contexto da educação contemporânea. McLaren (2015) por exemplo, têm publicado trabalhos que dialogam com a pedagogia crítica e a educação libertadora, analisando os desafios da educação em

tempos de neoliberalismo e globalização. Candau (2020; 2023) e Walsh (2021; 2019) têm se dedicado a discutir as questões de multiculturalismo e interculturalidade na educação, em diálogo com as ideias de Freire e hooks. Essas discussões contemporâneas sobre pedagogia crítica, multiculturalismo e interculturalidade lançam luz sobre os desafios da construção de um currículo de enfermagem crítico e emancipatório, especialmente em um contexto de crescente complexidade e globalização.

A enfermagem no Brasil, desde sua origem, tem sido moldada por um processo contínuo de evolução, influenciado tanto por seus determinantes internos, como as políticas de saúde e educação, quanto por seus determinantes internacionais (MAGNAGO; PIERANTONI, 2019). Das primeiras escolas de enfermagem, fortemente ligadas a ordens religiosas, ao surgimento do Sistema Único de Saúde (SUS), a enfermagem brasileira se adaptou às demandas sociais e às mudanças no cenário da saúde. A criação do SUS, em 1988, marco fundamental na história da saúde pública brasileira, trouxe consigo a necessidade de reorientação na formação dos profissionais de saúde, inclusive da enfermagem. Os princípios do SUS - universalidade, integralidade e equidade - passaram a ser balizadores dos currículos de todos os cursos superiores da área da saúde, orientando a formação de profissionais capazes de atuar em um sistema de saúde público, gratuito e acessível a todos. As Diretrizes Curriculares Nacionais de Enfermagem (DCNENF), publicadas em 2001, representaram um passo importante na consolidação de um modelo de formação mais crítico e reflexivo. As DCNENF (2001) exigem a formação de profissionais com pensamento crítico e espírito reflexivo, preparados para atuar no SUS, considerando as necessidades de saúde da população e os princípios da integralidade e da humanização (DCNENF, 2001). Essa mudança de paradigma exigiu a superação do modelo biomédico tradicional que, com sua ênfase na doença e na fragmentação do conhecimento, se mostrava insuficiente para atender às demandas de um sistema de saúde universal e integral.

No entanto, a implementação das DCNENF e a construção de um currículo de enfermagem crítico e emancipatório enfrentam diversos desafios. A superação do modelo biomédico, a inserção de metodologias ativas no ensino e a formação docente são alguns dos obstáculos a serem transpostos. A formação docente, em particular, destaca-se como um elemento crucial para a efetivação dessa transformação, pois são os professores que irão conduzir o processo de ensino-aprendizagem e inspirar os futuros enfermeiros a construir uma prática profissional crítica, reflexiva e comprometida com a transformação social. É nesse contexto que as pedagogias de Freire e hooks se mostram tão relevantes para a formação em enfermagem.

Ao defenderem uma educação libertadora, dialógica e problematizadora, Freire e hooks fornecem o suporte teórico necessário para a construção de um currículo que estimule o pensamento crítico, a reflexão e o compromisso social dos futuros enfermeiros. Outro desafio é a incorporação de

metodologias ativas que favoreçam o protagonismo dos estudantes no processo de aprendizagem. As metodologias ativas, como a aprendizagem baseada em problemas (ABP), a simulação e o uso de tecnologias digitais, colocam o estudante no centro do processo de aprendizagem, estimulando a autonomia, o pensamento crítico e a construção do conhecimento de forma colaborativa. A inclusão de conteúdos sobre as desigualdades sociais e as diferentes formas de opressão também são essenciais para a construção deste currículo crítico e emancipatório.

No entanto, é preciso observar quais são os fatores que impedem a aplicação dessas metodologias nos cursos. As instituições de Ensino Superior (IES) apresentam dificuldades para incluir as metodologias ativas na aprendizagem dos estudantes, e que é necessário fomentar a apropriação da inovação por parte dos docentes. Assim, a formação docente destaca-se como um elemento fundamental para a construção de um currículo crítico e emancipatório. Os professores devem estar preparados para utilizar metodologias ativas, promover o pensamento crítico e a reflexão, e construir um ambiente de aprendizagem que valorize o diálogo e a problematização. Para isto, a formação continuada dos docentes torna-se essencial, para que possam se manter atualizados sobre as novas tendências pedagógicas e sobre os avanços científicos e tecnológicos na área da saúde.

DIÁLOGOS ENTRE FREIRE E HOOKS: PEDAGOGIAS TRANSGRESSORAS NA FORMAÇÃO EM ENFERMAGEM

Paulo Freire e bell hooks, apesar de suas trajetórias e contextos distintos, compartilham uma visão transformadora da educação, que transcende a mera transmissão de conhecimentos e se coloca a serviço da emancipação humana e da justiça social. Freire (2019), a partir de sua experiência com a educação popular em contextos de opressão, defende uma educação libertadora, que rompe com a lógica bancária na qual o aluno é visto como um mero receptor passivo de informações e promove a conscientização e a emancipação dos oprimidos. hooks (2017), por sua vez, propõe uma pedagogia engajada, que desafia as estruturas de poder e promove a justiça social e a inclusão, reconhecendo a importância das relações de poder e dos marcadores sociais na experiência educativa.

Ambos autores tecem críticas contundentes à educação tradicional, que se baseia na transmissão passiva de conhecimento e na reprodução de modelos opressivos. Freire (2019) denuncia a educação bancária, afirmando que ela transforma os estudantes em meros receptores passivos do conhecimento, incapazes de pensar criticamente e agir sobre a realidade. hooks (2017), que foi leitora de Freire, complementa a crítica do autor brasileiro à educação tradicional, afirmando que esta inibe a curiosidade e sufoca o pensamento crítico dos estudantes, perpetuando as desigualdades e injustiças sociais.

Nesse contexto, os princípios de Freire e hooks estão alinhados com a necessidade de descolonizar a educação, como destaca Iheduru-Anderson e Waite (2024): “Historicamente, a base da educação em enfermagem foi moldada por práticas coloniais de branquitude, que servem como um fulcro para a opressão, ideologia epistêmica ocidental, injustiça racial e iniquidade em saúde”. Em um paralelo, Aasebø e Willbergh (2022) afirmam que, no contexto acadêmico, a orientação eurocêntrica é profundamente influenciada pela dominação histórica da branquitude, que permeia as esferas da política, da ciência e da construção do conhecimento, reforçando a marginalização de outras perspectivas.

O currículo de enfermagem, inserido nesse contexto, precisa ir além da inclusão de estudantes de grupos marginalizados, questionando as epistemologias dominantes e reconstruindo práticas pedagógicas sob uma perspectiva inclusiva, decolonial e antirracista. A democratização do ensino superior no Brasil levou a avanços como a expansão da universidade pública e políticas afirmativas, mas também colocou em evidência a luta contra legados coloniais e desigualdades raciais (SANTOS *et al*., 2024). Soares (2021) destaca a necessidade de abordar a branquitude e seu papel na perpetuação da exclusão racial dentro das estruturas acadêmicas. A formação em enfermagem, nesse sentido, pode ser uma ferramenta para desestabilizar os privilégios da branquitude, valorizando saberes de diferentes contextos culturais e sociais e reconhecendo o racismo como elemento estruturante da sociedade (BENTO, 2014; SOARES, 2021).

Em contraposição ao modelo tradicional, Freire e hooks defendem uma educação dialógica, problematizadora e transformadora. Para Freire, o diálogo é a essência da educação libertadora, pois permite a interação entre educador e educando, a troca de saberes e a construção conjunta do conhecimento. hooks (2017) também destaca a importância do diálogo na educação, defendendo que ele deve ser um encontro entre sujeitos que se reconhecem mutuamente, se respeitam e se abrem para a possibilidade de transformação individual e social. Iheduru-Anderson e Waite (2024) destacam que, na educação em enfermagem, o diálogo deve ser compreendido como uma forma de conhecimento, e não apenas como uma estratégia para engajar os alunos em atividades específicas. Ele é considerado um elemento fundamental e indispensável para o processo de aprendizagem e construção do saber.

Historicamente, o Brasil negligenciou a promoção da equidade social, perpetuando desigualdades e a exploração de populações vulneráveis. Essa falta de políticas públicas eficazes para enfrentar essas disparidades agravou-se ao longo do tempo. Contudo, a Constituição Federal de 1988 trouxe um marco ao reconhecer a responsabilidade do Estado em reduzir essas desigualdades (ARRIGONI *et al*., 2022). Nesse contexto, estratégias pedagógicas problematizadoras tornam-se fundamentais para abordar o racismo e outras formas de desigualdades (BORGES, 2018; GOMES, 2017). Como Freire (2019) sugere, essas estratégias devem estimular reflexões críticas por meio da

interação entre educadores, estudantes e sociedade. Isso implica o uso do currículo como um instrumento que não apenas transmite conhecimentos, mas que também reconhece e valoriza a diversidade étnico-racial, conforme afirma Silva e Eugenio (2022). Nas pedagogias de Freire e hooks, a problematização se apresenta como metodologia de ensino fundamental para o desenvolvimento do pensamento crítico e da capacidade de analisar e transformar a realidade. Freire (2019) considera a problematização como o ponto de partida para a construção do conhecimento, desafiando os estudantes a questionar a realidade e buscar soluções para os problemas que os cercam. hooks (2017) complementa essa ideia, destacando que a problematização incentiva os alunos a questionarem, desafiar e transformar a realidade que os cerca.

De acordo com Iheduru-Anderson e Waite (2024), a descolonização não pode ser tratada como uma metáfora, mas sim como um processo que demanda o desaprendizado da socialização profundamente enraizada em perspectivas eurocêntricas presentes na educação em enfermagem. Esse processo implica reaprender de forma inovadora e inclusiva, valorizando e integrando saberes e experiências historicamente marginalizadas. Essa reconfiguração do currículo em direção a uma educação inclusiva exige adaptações curriculares e práticas pedagógicas que garantam a participação e aprendizagem de todos os estudantes. A humanização do currículo e a valorização da diversidade humana são fundamentais para a construção de uma escola inclusiva e democrática, e para a efetiva descolonização da educação (FABRI; TASSA, 2022).

Nesse sentido, o currículo educacional vai além de uma simples lista de conteúdos a serem abordados ao longo do ano. Ele deve ser entendido como um processo dinâmico e contínuo, resultado da interação e participação coletiva de educadores e estudantes. A seleção dos temas a serem abordados no currículo deve ser feita de maneira conjunta, com base na realidade vivida pelos envolvidos no processo educativo, e deve refletir uma construção cultural e histórica, passível de transformações ao longo do tempo (BERNARDINO *et al*., 2021). Freire é um dos grandes teóricos que influenciaram a forma como compreendemos o currículo.

Em sua obra *Pedagogia do Oprimido* (2019), desafia as ideias colonizadoras e a dualidade entre opressores e oprimidos, propondo uma pedagogia que visa superar essas divisões e promover a emancipação de todos os indivíduos. Para ele, a educação deve ser um meio de libertação, rompendo com as formas tradicionais de ensino, que são opressivas, e criando um espaço onde os estudantes possam se reconhecer como sujeitos críticos, capazes de refletir e atuar sobre a realidade. Essa proposta de currículo fundamentada em uma educação emancipatória é essencial para a formação de profissionais críticos e transformadores (BERNARDINO *et al*., 2021; FREIRE, 2019).

METODOLOGIA

Abordagem e Método

Esta pesquisa, de acordo com seu objetivo, classifica-se como descritiva e documental, com abordagem qualitativa. Esta pesquisa analisa o projeto pedagógico (PPC) de um curso de enfermagem, buscando compreender como os componentes curriculares que abordam o cuidado e a educação em saúde dialogam com as pedagogias de Freire e hooks. A escolha do PPC como objeto de análise se justifica por ser um documento que orienta a formação dos estudantes de enfermagem, expressando a concepção de currículo, os objetivos de aprendizagem e as estratégias pedagógicas adotadas pelo curso. Como fonte de informações, foram considerados o projeto pedagógico do curso e as grades curriculares, extraídos das páginas oficiais da universidade.

A análise documental, segundo Minayo (2012), permite interpretar os dados para revelar conceitos e padrões, organizando-os em categorias significativas. Seguindo as etapas de apreensão, compreensão e análise propostas por Sá Silva, Almeida e Guindani (2009), a análise documental abrange documentos de diferentes tipos, possibilitando uma visão ampla do objeto de pesquisa.

Grazziotin, Klaus e Pereira (2022) explicam que, na análise documental, a pessoa pesquisadora não participa diretamente da construção das informações e dados. As autoras do estudo recorrem a Le Goff (1990) para explicar que, nesta metodologia de análise, para realizar o trabalho analítico é necessário que o documento seja desmontado, desestruturado, e que as condições de produção dos documentos sejam analisadas. O passo seguinte é reunir, classificar e comparar as informações, com base no problema analisado e nos referenciais da pesquisa.

A análise temática, como uma abordagem complementar, permitiu identificar, analisar e interpretar os temas presentes nos documentos. Essa metodologia é considerada flexível, podendo ser adaptada a diferentes abordagens epistemológicas e questões de pesquisa, permitindo, assim, uma análise detalhada dos dados de forma aberta e adaptável ao contexto da investigação (BRAUN; CLARKE, 2006). A análise temática oferece uma maneira eficaz de identificar e interpretar padrões dentro dos dados, aprofundando a compreensão dos significados presentes nos textos analisados.

Este estudo também se beneficia das abordagens metodológicas contemporâneas, como destacado por Ribeiro *et al.* (2023), que enfatizam a importância de considerar as especificidades de cada contexto educacional ao realizar a análise de currículos. Segundo os autores, essa abordagem deve ir além da simples descrição dos componentes curriculares, incorporando uma análise crítica das

práticas pedagógicas e dos valores subjacentes às escolhas curriculares, o que facilita a identificação de possíveis resistências ou limitações na formação dos profissionais.

Caracterização do tipo de estudo e local de desenvolvimento

Este estudo possui natureza descritiva e exploratória, adotando uma abordagem qualitativa. Seu caráter descritivo e exploratório justifica-se pela necessidade de estabelecer comparações e interpretar descobertas com base na análise de características, evolução ou relações de um fenômeno específico. Neste tipo de estudo, os dados primários são obtidos diretamente pelos pesquisadores, enquanto a combinação das abordagens qualitativa e quantitativa ocorre em função da classificação dos dados coletados e dos métodos utilizados para sua análise (CARVALHO; MACHADO, 2024; PYO *et al*., 2023; SLATER; HASSON, 2024).

Dados Primários e Secundários

Os dados primários são o Projeto Político Pedagógico do curso e as grades curriculares, obtidas diretamente das páginas oficiais da universidade. Esses documentos foram selecionados por serem fontes oficiais que expressam a concepção de currículo, os objetivos de aprendizagem e as estratégias pedagógicas adotadas pelo curso. Como dados secundários, foram consideradas as grades curriculares, e os planos de ensino, que fornecem informações detalhadas sobre os conteúdos abordados e suas bases teóricas (PRIOR, 2020).

Procedimentos de Levantamento de Dados

O levantamento de dados foi realizado em três etapas:

1. *Seleção dos documentos*: Foram coletados o PPC e as grades curriculares do curso de enfermagem, disponíveis no site oficial da universidade.
2. *Identificação dos componentes curriculares*: Dos 46 componentes obrigatórios, foram selecionados 17 com base em suas ementas e referenciais teóricos, priorizando aqueles que abordam temas relacionados ao cuidado, à educação em saúde e à formação crítica e reflexiva, alinhados com as perspectivas de Freire e bell hooks. Os componentes selecionados foram: Ética Profissional; Fundamentos, Modelos e Processos de Cuidar I e II; Prática de Cuidado de Enfermagem I, II, III, IV, V e VI; Enfermagem e as Políticas Públicas de Saúde I e II; Enfermagem e Saúde Coletiva; Estratégias Educativas de Enfermagem e Saúde I e II; Enfermagem e Saúde da Mulher I; Enfermagem e Saúde da Criança e Adolescente I; e Tópicos Étnico-Raciais em Saúde.

3. *Organização dos dados*: Os documentos foram organizados e categorizados para facilitar a análise, seguindo as etapas de apreensão, compreensão e análise (SÁ SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009).

Procedimentos de Análise de Dados

Para a análise dos dados, foi utilizado o método de análise de conteúdo, com ênfase na análise temática, que permite interpretar os dados e revelar padrões e temas relevantes para a pesquisa (Bardin, 1979). A análise dos dados foi conduzida em etapas, conforme recomendado por Bowen (2009) e Prior (2020):

1. *Leitura inicial*: Realizou-se uma leitura exploratória do PPC e das grades curriculares para familiarização com o conteúdo.
2. *Codificação e categorização*: Os dados foram codificados e organizados em categorias temáticas, utilizando como referência as pedagogias de Freire e bell hooks. As categorias emergentes foram: Formação voltada para as necessidades do SUS; Formação com enfoque interseccional no papel educativo da enfermagem; Formação comprometida com o combate às desigualdades étnico-raciais e o cuidado como ato de resistência.
3. *Análise crítica e temática*: A análise temática foi aplicada para identificar padrões e temas recorrentes dentro do PPC, focando em aspectos que envolvem o cuidado e a educação em saúde, e como esses aspectos se alinham com os referenciais pedagógicos de Freire e hooks. A análise temática permitiu a extração de significados mais profundos e a articulação entre os diferentes documentos analisados.

Para melhor compreensão do percurso metodológico adotado, apresentamos aqui, o que diz Miskalo, Cirino e França (2023), acerca do desenvolvimento da análise temática. Os autores destacam que esse processo de análise permite a identificação de padrões específicos nos dados e a construção de uma interpretação aprofundada sobre o comportamento estudado. A articulação entre os temas emergentes e o referencial teórico possibilita a contextualização dos achados, garantindo que a interpretação não se restrinja apenas à descrição, mas contribua para a compreensão crítica do objeto de estudo. Além disso, a Análise Temática exige equipamento. Ao longo da organização e do agrupamento dos dados, é fundamental manter a flexibilidade analítica, permitindo ajustes nos temas conforme novos padrões são específicos. A revisão contínua contribui para a validação dos resultados e para a construção de uma narrativa coesa e fundamentada (MISKALO; CIRINO; FRANÇA, 2023).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O projeto pedagógico do curso escolhido para a análise passou por uma reformulação recente, buscando adaptar o currículo às demandas contemporâneas da Enfermagem e às exigências das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Enfermagem (DCNENF, 2001). Essa reformulação foi justificada pela necessidade de atualização do currículo e da incorporação de mudanças apontadas nas DCNENF (2001), que enfatizam a integração ensino-serviço e a formação de enfermeiros para atuarem no Sistema Único de Saúde (SUS). Além disso, a reformulação curricular buscou atender à legislação vigente em relação à carga horária e ao prazo de integralização dos cursos de enfermagem, que passaram a ter duração de cinco (5) anos.

A análise do marco conceitual e do esquema curricular do curso de Enfermagem se mostrou necessária para verificar se a base teórica e a estrutura curricular do curso estão alinhadas aos componentes curriculares propostos no PPC e se contribuem para a formação de profissionais com o perfil desejado. O marco conceitual do curso de Enfermagem revelou uma visão multidimensional da formação profissional, sustentada por pilares conceituais e práticos que se interligam. O marco conceitual destaca o enfermeiro como o centro de um processo que integra ciência, arte e ideal, visando garantir uma prática holística e humanizada. O enfermeiro é visto como um profissional que atua com base no conhecimento científico, na sensibilidade artística e no compromisso ético, promovendo a saúde e o bem-estar de indivíduos, famílias e comunidades (PPC, 2021, p. 36).

Em relação ao esquema curricular conceitual, pode-se dizer que apresenta a estrutura do curso e a maneira como as disciplinas se articulam para a construção do conhecimento em enfermagem. O currículo é organizado em três fases sequenciais, que visam promover a ampliação e o aprofundamento do conhecimento, bem como o desenvolvimento de habilidades e competências essenciais à prática profissional. O esquema pode ser observado quadro 1, disposto na página seguinte.

Por sua vez, após a análise do marco conceitual teórico e do esquema curricular do curso, foi realizada a análise dos componentes curriculares do projeto pedagógico, indicando as principais temáticas abordadas e tendências pedagógicas observadas. Os componentes analisados constam no quadro 2.

A análise das ementas e dos referenciais teóricos de dezessete (17) componentes curriculares selecionados se concentrou em revelar como o “cuidado” e a “educação em saúde” eram tratados nos documentos. A análise das tendências pedagógicas identificadas nos componentes, evidenciou um claro direcionamento para a construção de um currículo crítico e reflexivo, com ênfase na problematização da realidade, no desenvolvimento da autonomia e no compromisso com a transformação social. Foi

possível observar que há predominância de abordagens pedagógicas críticas, em especial a pedagogia crítico-social dos conteúdos, demonstrando que o PPC deste curso não se limita a uma visão tecnicista da enfermagem. Ele também reconhece a importância da arte e da sensibilidade na prática do cuidado, como evidenciado nos trechos: O PPC valoriza a "liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte, a cultura e o saber" (PPC, 2021, p. 10) e busca "incorporar a ciência, a arte e o ideal profissionais como instrumentos indissociáveis de uma prática profissional de enfermagem consequente" (PPC, 2021, p. 40).

Quadro 1- Esquema curricular conceitual, conhecendo o currículo atual

Fase Curricular	Período	Eixos	Conteúdos e Objetivos
1ª Fase Curricular:	1º ao 5º período	Bases e Princípios da Enfermagem e da Saúde	-Introdução aos conceitos básicos da enfermagem e à saúde; - Disciplinas como anatomia, fisiologia, bioquímica, microbiologia, farmacologia, nutrição, saúde coletiva; - Construção de uma base sólida para a compreensão do processo saúde-doença e desenvolvimento do raciocínio clínico; - Inserção precoce em cenários de prática.
2ª Fase Curricular:	3º ao 7º período	Bases e Princípios das Ciências Sociais e Humanas e Cuidados de Enfermagem	- Inclusão de disciplinas como psicologia, sociologia, antropologia, filosofia, ética e bioética; - Sensibilização para as dimensões sociais, culturais e éticas do cuidado e a relação enfermeiro-paciente; - Aprofundamento do estudo do cuidado em áreas como saúde da mulher, saúde da criança, saúde do adulto, saúde do idoso e saúde mental; - Desenvolvimento de competências como empatia, comunicação e ética.
3ª Fase Curricular:	8º ao 10º período	Cuidados e Ensino de Enfermagem nos Serviços de Saúde	- Atuação em cenários reais de prática, com supervisão de professores e preceptores; - Disciplinas como enfermagem em saúde coletiva, saúde da família, urgência e emergência, centro cirúrgico, unidades de terapia intensiva; - Preparo para o exercício profissional com competência, ética e responsabilidade; - Formação para o trabalho interprofissional e educação permanente.

Fonte: PPC (2021).

Quadro 2 - Principais Componentes Curriculares e Tendências Pedagógicas

Componente Curricular	Principais temáticas abordadas	Tendências Pedagógicas
Ética Profissional	Formação crítica, reflexiva e humanista	Crítico-social dos conteúdos; pedagogia libertadora.
Fundamentos, Modelos e Processos de cuidar I e II	Integração entre teoria e prática no cuidado, com enfoque nos determinantes sociais da saúde	Crítico-social dos conteúdos.
Estratégias Educativas de Enfermagem e Saúde I e II	Pedagogia problematizadora e uso dos pilares de Delors	Crítico-social dos conteúdos; pedagogia libertadora.
Prática de Cuidado I, II, III, IV, V e VI	Ensino do processo de enfermagem, tecnologias de cuidado, consulta de enfermagem, vigilância em saúde e populações vulneráveis.	Crítico-social dos conteúdos.
Enfermagem em Saúde da Mulher I	Saúde da mulher com foco na violência contra a mulher.	Crítico-social dos conteúdos; Pedagogia libertadora.
Enfermagem e Saúde Coletiva	Conceito de saúde e doença, determinação social do processo saúde-doença, saúde pública e saúde coletiva, modelos de atenção à saúde, vigilância em saúde, vulnerabilidade social, grupos minoritários e populações vulneráveis.	Crítico-social dos conteúdos; pedagogia libertadora.
Enfermagem em Saúde da Criança e do Adolescente I	Saúde da criança e do adolescente	Crítico-social dos conteúdos; pedagogia libertadora.
Tópicos Étnico-Raciais em Saúde	Pedagogia decolonial e antirracista	Histórico-crítica; pedagogia libertadora.

Fonte: Elaboração própria. Baseada em: Libâneo (2013).

A pedagogia crítico-social dos conteúdos busca formar cidadãos críticos e participativos, capazes de analisar e transformar a realidade. Na enfermagem, essa abordagem promove a autonomia dos pacientes, a tomada de decisões conscientes e o desenvolvimento do pensamento crítico (ABEL; BENKERT, 2022). Assim, como conceitua Abel e Benkert (2022), os diversos modos de educar e de formar as pessoas e profissionais, compõem um sistema cujas partes precisam ser religadas e não fragmentadas, já que se configuram como complexo. A complexidade verificada na atenção à saúde nos distintos contextos socioambientais, políticos e econômicos presente nos diversos sistemas de saúde vigentes demanda reformar o pensamento rumo à transdisciplinaridade. Desta forma, a educação, em todos os seus graus, poderá ser pensada de modo a se refletir acerca dos efeitos oriundos da superespecialização dos saberes, combinada com a incapacidade de articulá-los entre si (NUNES *et al*., 2024)

Entretanto, bell hooks (2017) aponta um grande desafio para a abordagem libertadora na educação: os professores. Para a autora, a categoria não está preparada para ensinar estudantes que desejam aprender a construir uma sociedade livre e justa, pois, muitas vezes, são cegos para seus próprios preconceitos. Eles se sentem ameaçados quando são chamados a facilitar uma educação relevante, que liberte a mente e o corpo dos preconceitos e abra caminho para a justiça social. Eles não podem facilitar o que Dōgen chama de "abandonar o corpo e a mente dos outros" (DOGEN *apud* ROBBIANO, 2023): ou seja, remover o hábito de enxergar separações entre "nós" e "eles". Na verdade, isso exige primeiro que professoras e professores tomem consciência de seus próprios pressupostos enraizados e trabalhem para removê-los, abandonando os preconceitos que podem prejudicar sua relação com as e os estudantes.

Se alguém não reconhece a posição situada de seu próprio corpo-mente – em termos de hábitos, valores, pressupostos disciplinares, experiências – e acredita ser capaz de ver, pensar e enxergar a partir do "lugar nenhum", como poderá se conectar com as diferentes presenças corporificadas e situadas a partir das quais seus alunos abordam o material de aprendizagem e tentam ver sua relevância para suas vidas? (ROBBIANO, 2023). hooks (2017) defende que a sala de aula deve ser um espaço de encontro e de troca de experiências, onde a diferença é valorizada e celebrada. A autora critica a educação bancária, descrita por Freire (2019) como aquela que trata os alunos como meros receptores de informações, e defende uma educação libertadora, que promova a autonomia, o diálogo e a transformação social.

A educação problematizadora objetiva promover a consciência crítica da realidade e a postura ativa entre estudantes e professores no processo ensino-aprendizagem em que haja uma negação ou desvalorização do mundo que os influencia. Quando é possível implementar este tipo de educação aliada a cenários reais da vida cotidiana, em que os profissionais serão possivelmente inseridos no futuro, suas

implicações positivas são ainda mais potencializadas no que tange o exercício da práxis (NUNES *et al*., 2024). É necessário que o processo de aprendizagem seja capaz de religar as partes fragmentadas do conhecimento, para que os estudantes possam ter uma visão integral e complexa da realidade (NUNES *et al.*, 2024).

Após a leitura das ementas e dos referenciais teóricos dos dezessete (17) componentes curriculares selecionados, a etapa de codificação e categorização apontou três categorias emergentes, que revelam os padrões e temas recorrentes do PCC. São elas: 1) formação voltada para as necessidades do SUS; 2) formação com enfoque interseccional no papel educativo da enfermagem; 3) formação comprometida com o combate às desigualdades étnico-raciais e o cuidado como ato de resistência. Estas categorias serão analisadas a seguir, a partir dos critérios da análise de conteúdo temática e fundamentando-se teoricamente na pedagogia de Freire e hooks.

Formação voltada para as necessidades do SUS

A emergência desta categoria revela que os componentes curriculares do curso analisado dão importância central à, preparação para atuar no contexto do Sistema Único de Saúde (SUS), enfatizando os princípios de universalidade, integralidade e equidade. Ela se destaca ao analisarmos os componentes curriculares relacionados com a saúde pública e outras práticas de educação e saúde, tais como "Enfermagem e saúde coletiva", e "Prática de cuidado I, II, III, IV, V e VI", conforme pode ser observado no quadro 2, nas principais temáticas abordadas.

As DCNENF (2001) orientam que a formação do enfermeiro deve estar alinhada às necessidades do SUS, garantindo uma formação humanística, crítica e reflexiva, que possibilite a atuação em diferentes níveis de atenção à saúde. Isso significa que o ensino deve capacitar os estudantes não apenas para a prática assistencial, mas também para a gestão do cuidado, a educação em saúde e a atuação interprofissional, promovendo um olhar ampliado sobre os determinantes sociais da saúde e as políticas públicas. Além disso, é essencial que a formação em enfermagem incentive a participação ativa dos estudantes na problematização das condições de saúde da população e na proposição de intervenções.

Desta forma, para seguir as orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais, o PPC de um curso de enfermagem deve incorporar disciplinas e conteúdos que abordem as políticas públicas de saúde, o funcionamento do SUS e seus princípios, incluindo a história do SUS, sua estrutura organizacional, as diferentes esferas de gestão e os modelos de atenção à saúde. A formação deve contemplar as especificidades do contexto social e de saúde brasileiro, como as desigualdades sociais, as

iniquidades em saúde e a diversidade cultural, preparando os estudantes para lidar com as necessidades de saúde de diferentes grupos populacionais, incluindo as populações mais vulneráveis.

A articulação ensino-serviço-comunidade é essencial para garantir que os estudantes desenvolvam competências técnicas, críticas e sociais necessárias para atuar no SUS (DCNENF, 2001). Além disso, as DCNENF reforçam a importância das práticas em cenários diversificados do SUS, permitindo que os estudantes compreendam a complexidade do sistema de saúde e desenvolvam habilidades clínicas e interpessoais. Essa abordagem promove a formação integral e interdisciplinar proposta pelas diretrizes, indo além da transmissão de conhecimentos técnicos para estimular a reflexão crítica e o compromisso social, formando enfermeiros éticos, humanizados e comprometidos com a transformação das realidades sanitárias. A formação voltada para o SUS deve promover a integração entre ensino e serviço por meio de atividades práticas em diferentes cenários de atuação, como unidades básicas de saúde, hospitais e comunidades. Essa imersão permite que os estudantes vivenciem a realidade do sistema de saúde, desenvolvam habilidades práticas e construam uma compreensão crítica e contextualizada do SUS.

Como destaca Ceccim e Feuerwerker (2004), a formação em saúde deve estar alinhada ao princípio da indissociabilidade entre ensino, serviço e comunidade, garantindo que os futuros profissionais compreendam e enfrentem os desafios do sistema de saúde brasileiro de maneira crítica e transformadora. Dessa forma, a integração entre ensino e serviço não deve ser vista apenas como um espaço de prática, mas como um ambiente de construção coletiva do conhecimento, em que os estudantes exercitem o pensamento crítico, a criatividade e a autonomia na resolução de problemas.

Freire (2019) reforça essa perspectiva ao afirmar que “ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, os homens se educam em comunhão” (FREIRE, 2019, p. 68), evidenciando que a aprendizagem ocorre no encontro entre sujeitos que compartilham experiências e saberes. No contexto da enfermagem, isso implica estimular a problematização das situações vividas nos serviços de saúde, garantindo que o futuro profissional não apenas se adapte às normas e rotinas institucionais, mas também seja capaz de questioná-las e transformá-las quando necessário. Dessa maneira, a formação se orienta para além da aquisição de habilidades técnicas, incorporando uma visão ética e política voltada à construção de um sistema de saúde mais justo e eficiente.

Ao incentivar os estudantes a participarem ativamente da construção do conhecimento e do desenvolvimento de projetos de intervenção, o projeto pedagógico fortalece a autonomia intelectual e a capacidade de inovação. Essa abordagem prepara profissionais que não apenas se adequam ao SUS, mas que atuam como agentes transformadores do sistema. Segundo Fields *et al*. (2022), a educação em enfermagem deve estar comprometida com a justiça social e com a formação de profissionais capazes de

promover a saúde e o bem-estar das comunidades. O autor defende que a pedagogia crítica de Freire pode ser utilizada para engajar os estudantes na reflexão sobre os desafios da sustentabilidade e para inspirá-los a agir como agentes de mudança na construção de um futuro mais sustentável.

Formação voltada para o papel educativo da enfermeira em perspectiva interseccional

Esta categoria reflete como a dimensão educacional do cuidado se destaca nos componentes curriculares do curso em análise. Cuidado aqui é compreendido como a capacidade da pessoa enfermeira de ensinar, orientar e empoderar para o autocuidado e a promoção da saúde. Ela pode ser observada nos componentes curriculares de "Estratégias educativas de enfermagem e saúde I e II, e "Tópicos étnico-raciais em saúde". A formação voltada para o papel educativo da enfermeira implica em abordar temáticas complexas de educação em saúde de forma acessível, inclusiva e humanizada, considerando as singularidades de cada indivíduo e as diferentes formas de opressão que podem impactar sua saúde.

Como destaca Prado *et al*. (2012), o ensino das práticas de autocuidado precisa ser baseado não apenas em aspectos técnicos, mas também em uma postura ética e comunicativa, que permita ao paciente entender, confiar e aplicar essas orientações em sua vida cotidiana. A perspectiva interseccional, proposta por hooks (2017), permite compreender as interações entre as desigualdades sociais de gênero, raça e classe e seus impactos singulares nos sujeitos e este conhecimento é fundamental para que o ensino das práticas de autocuidado possa ser adaptado a cada paciente. Aplicar a interseccionalidade na saúde também passa pelo cumprimento do princípio da equidade do SUS, ao atender a cada pessoa em suas especificidades

Outra evidência desta categoria é a valorização do ensino crítico-reflexivo nos componentes curriculares, como pode ser observado no componente "Tópicos étnico-raciais em saúde. Há uma clara ênfase no desenvolvimento do pensamento reflexivo, na inquirição crítica e na criatividade, a partir da compreensão das problemáticas de raça e gênero apontadas na ementa curricular. O aluno é convidado a confrontar estas problemáticas, o que reforça o que está descrito no PPC: "As atividades curriculares programadas têm por objetivo capacitar o aluno a empreender a busca do autoconhecimento e a do aperfeiçoamento pessoal e profissional e visam ainda a utilização do pensamento reflexivo da inquirição crítica e da criatividade" (PPC, 2021, p. 32).

Nesse sentido, para que profissionais da enfermagem se tornem agentes de transformação social (SOARES, *et al.*, 2024) é preciso que a formação promova a leitura crítica do mundo e o desenvolvimento da autonomia dos estudantes, . No PPC, a busca por essa transformação social se

reflete na ênfase ao uso da problematização nas práticas pedagógicas. Isto pode ser observado no em diferentes componentes curriculares do documento, tais como os componentes curriculares "Práticas de Cuidado I, II, III, IV, V e VI". O PPC destaca que "o contato, frequente e crescente em complexidade, fará com que o estudante adquira o instrumental necessário para a sua formação profissional e futura atuação como enfermeiro" (PPC, 2021, p. 58). Desta foram, esta abordagem proposta no documento permite que os estudantes apliquem os conhecimentos teóricos em situações práticas, desenvolvendo habilidades de raciocínio clínico, tomada de decisões e trabalho em equipe (SANCHES *et al*, 2023; SILVA *et al*., 2023).

Assim, percebe-se que a visão formativa proposta neste PPC se alinha com as pedagogias transgressoras. Como já demonstrado anteriormente, Freire e hooks defendem a educação dialógica e problematizadora, que estimula a reflexão crítica e a ação transformadora. Freire (2019) enfatiza a importância de partir da realidade concreta dos educandos, problematizando-a para que eles possam compreendê-la e transformá-la. hooks (2017) complementa essa ideia, defendendo que a problematização deve levar os estudantes a questionar as estruturas de poder e a buscar soluções para as injustiças sociais.

Formação voltada para o combate às desigualdades étnico-raciais e cuidado como resistência

Esta categoria representa um caminho para que os enfermeiros em formação se reconheçam e atuem contra as estruturas de opressão que perpetuam desigualdades no cuidado. Ela fica mais evidente, quando analisamos os componentes curriculares "Enfermagem em Saúde da Mulher I", "Enfermagem em Saúde da Criança e do Adolescente I" e também o componente "Tópicos Étnico-Raciais em Saúde". Para que se possa ter uma formação voltada para o combate às desigualdades, é preciso que haja uma educação para a liberdade, como defendido por Freire e hooks em suas obras (FREIRE, 2019; hooks, 2017). Assim, para alcançar este objetivo é necessário que a formação em enfermagem promova uma reflexão crítica sobre as múltiplas formas de opressão que interferem no cuidado em saúde, como o racismo estrutural, a desigualdade de gênero e as barreiras socioeconômicas. Essa formação não apenas identifica as desigualdades, mas também ensina às futuras enfermeiras como confrontar essas iniquidades por meio de sua prática cotidiana.

O cuidado como resistência se manifesta na capacidade do enfermeiro de defesa dos direitos dos pacientes diante das opressões e desigualdades existentes no sistema de saúde, promovendo, assim, a integralidade e a equidade, e atuando como agente de transformação social. Essa perspectiva dialógica entre cuidado e resistência reforça a necessidade de repensar a educação em saúde, compreendendo-a

como um processo integrado e interconectado. Dessa forma, defende-se aqui que os diversos modos de educar e formar pessoas e profissionais compor um sistema cujas partes são religadas e não fragmentadas, reconhecendo sua natureza complexa.

O cuidado como resistência se manifesta na capacidade do enfermeiro de defesa dos direitos dos pacientes diante das opressões e desigualdades existentes no sistema de saúde, promovendo, assim, a integralidade e a equidade, e atuando como agente de transformação social. No entanto, para que esse papel seja plenamente exercido, é fundamental que a formação em enfermagem supere a fragmentação do ensino e do conhecimento, favorecendo uma abordagem que relacione diferentes saberes e perspectivas. A complexidade inerente à atenção à saúde, presente em diferentes contextos socioambientais, políticos e econômicos, exige uma reforma do pensamento que transcenda a compartimentalização dos saberes (NUNES *et al*., 2024).

Nesse sentido, a transdisciplinaridade surge como uma abordagem essencial, pois permite conhecimentos e práticas articuladas de maneira holística, garantindo que a educação, em todos os seus graus, não apenas reconheça os desafios pela superespecialização, mas também promova a integração necessária para um cuidado em saúde mais humanizado e eficaz (NUNES *et al*., 2024). Dessa maneira, a educação em enfermagem deve ser compreendida como um processo contínuo de construção coletiva, fundamentado na articulação entre teoria e prática, saber científico e conhecimento popular, técnica e humanização. É necessário que o processo de aprendizagem seja capaz de religar as partes fragmentadas do conhecimento, para que os estudantes possam ter uma visão integral e complexa da realidade (NUNES *et al.*, 2024).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas discussões realizadas, os dezessete (17) componentes curriculares do PPC analisados evidenciam comprometimento com a formação de profissionais críticos, reflexivos e preparados para atuar em contextos sociais e de saúde desafiadores. É importante, entretanto, não generalizar esta afirmação para todo o PPC, uma vez que analisamos apenas 17 dos 46 componentes curriculares, justamente por focar naqueles que enfocavam em temáticas relacionadas à educação e saúde e cuidado.

Portanto, o que podemos concluir é que a estrutura do PPC que se relaciona a estas temáticas reflete adesão aos princípios de interdisciplinaridade, integração entre teoria e prática, e à valorização de metodologias pedagógicas participativas, como a problematização. Esses princípios encontram forte

alinhamento com as pedagogias de Paulo Freire e bell hooks, que enfatizam a construção do conhecimento a partir da perspectiva crítica e dialógica.

Assim, os resultados indicaram que estes componentes do PPC buscam formar profissionais que não apenas dominem as habilidades técnicas essenciais à prática da enfermagem, mas que também se tornem agentes de transformação social. A inclusão de componentes curriculares, ainda que minoritários, que discutem a saúde sob uma perspectiva interseccional e decolonial pode indicar uma tentativa de alinhamento do curso à necessidade de promover a formação além da técnica e que se conecta com as questões sociais e políticas que permeiam a saúde no Brasil. Ao incorporar as ideias de Freire e hooks, mesmo que de forma minoritária, o PPC promove a construção de cuidado crítico e comprometido com a equidade em saúde.

No entanto, a análise destes componentes curriculares também revelou que, apesar de haver uma articulação teórica sólida no PPC, a implementação prática dessas propostas pedagógicas ainda carece de ajustes para garantir que os estudantes possam vivenciar e aplicar essas abordagens no cotidiano da formação. A falta de acompanhamento contínuo e de uma avaliação sistemática das práticas pedagógicas pode dificultar a efetivação dos princípios transformadores do currículo. Nesse sentido, a participação ativa de docentes e discentes é fundamental para garantir que o PPC se mantenha dinâmico e em sintonia com as demandas emergentes da sociedade e da saúde pública.

Além disso, é essencial considerar como a implementação dessas pedagogias críticas se dá na prática cotidiana dos cursos de enfermagem, analisando os desafios e possibilidades enfrentadas por docentes e estudantes. Questões como a resistência institucional à adoção de abordagens mais emancipatórias, a influência das políticas educacionais na estrutura curricular e a adequação dos métodos avaliativos a uma perspectiva crítica merecem maior aprofundamento. Investigar como esses elementos impactam a formação dos enfermeiros pode fornecer subsídios para reformulações curriculares mais alinhadas com os princípios de uma educação transformadora.

Por fim, embora o estudo tenha se concentrado em um único PPC, aponta para a necessidade de expandir a pesquisa, abordando como diferentes projetos pedagógicos influenciam a formação de enfermeiros no Brasil, principalmente sob a ótica das pedagogias críticas. A produção acadêmica sobre a interseção entre pedagogias críticas e currículos de enfermagem ainda é limitada, e é fundamental ampliar esse debate tanto no Brasil quanto internacionalmente. Futuras investigações podem aprofundar a relação entre a percepção do PPC e a qualidade da formação profissional, contribuindo para uma reflexão mais robusta sobre como a educação em enfermagem pode ser uma ferramenta eficaz para promover a justiça social e a equidade em saúde.

REFERÊNCIAS

ABEL, T.; BENKERT, R. "Critical health literacy: Reflection and action for health". **Journal of Curriculum Studies**, vol. 54, n. 5, 2022.

APPLE, M. W. **Ideology and curriculum**. London: Routledge, 2019.

AASEBØ, T. S.; WILLBERGH, I. "Empowering minority students: a study of cultural references in the teaching content". **Journal of Curriculum Studies**, vol. 54, 2022.

BENTO, M. A. S. "Branqueamento e branquitude no Brasil". **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 29, n. 84, 2014.

BERNARDINO, F. M. A. *et al*. "Paulo Freire, pedagogia do oprimido e currículo". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 7, n. 20, 2021.

BORGES, R. "O Movimento Negro Educador". **Educação e Revista**, vol. 34, 2018.

BRAUN, V.; CLARKE, V. "Using thematic analysis in psychology". **Qualitative Research in Psychology**, vol. 3, n. 2, 2006.

BRASIL. **Resolução CNE/CES n. 3, de 7 de novembro de 2001**. Brasília: Ministério da Educação, 2001. Disponível em: <www.mec.gov.br>. Acesso em: 20/01/2025.

CANDAU, V. M. F. "Didática Crítica Intercultural e Decolonial: uma perspectiva em construção". *In*: LONGAREZI, A. M. **Didática Crítica no Brasil**. São Paulo: Editora Cortez, 2023.

CANDAU, V. M. F. "Didática, Interculturalidade e Formação de professores: desafios atuais". **Revista Cocar**, n. 8, 2020.

CARVALHO, L. A.; MACHADO, F. C. A. "Graduação em Saúde Coletiva: Análise do Perfil de Evasão". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 20, n. 60, 2024.

CECCIM, R. B.; FEUERWERKER, L. C. M. "O quadrilátero da formação para a área da saúde: ensino, gestão, atenção e controle social". **Revista Interface – Comunicação, Saúde, Educação,** vol. 8, n. 14, 2004.

FIELDS, L. *et al*. "Education on the Sustainable Development Goals for nursing students: Is Freire the answer?" **Nursing Inquiry** , n. 29, 2022.

FIELDS, L. *et al*. "Nursing action towards the sustainable development goals: Barriers and opportunities". **Nurse Education Today**, vol. 134, 2024.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2019.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2019

GRAZZIOTIN, L. S.; KLAUS, V.; PEREIRA, A. P. M. "Pesquisa documental histórica e pesquisa bibliográfica: focos de estudo e percursos metodológicos". **Pro-Posições**, vol. 33, 2022.

HOOKS, B. **Ensinando Comunidade**: Uma Pedagogia da Esperança. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2003.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2017.

HOOKS, B. **Tudo sobre o** amor: novas perspectivas. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

IHEDURU-ANDERSON, K.; WAITE, R. "Decolonizing nursing education: Reflecting on Paulo Freire's pedagogy of the oppressed". **Nursing Outlook**, vol. 72, 2024.

LE GOFF, J. **História e Memória**. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1990.

LIBÂNEO, J. C.; SAVIANI, D. **Democratização da escola pública**: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Editora Loyola, 2013.

MACHADO, M. C. L. A.; PINHO, L. R. S. "O cuidado como resistência e enfrentamento de práticas nocivas à vida coletiva". *In*: PINHO, L. R. S. (org.). **Infâncias, culturas e comunidades**: diálogos com a sociologia da infância. Curitiba: Editora Appris, 2021.

MAGNAGO, C.; PIERANTONI, C. R. "A formação de enfermeiros e sua aproximação com os pressupostos das Diretrizes Curriculares Nacionais e da Atenção Básica". **Ciência e Saúde Coletiva**, vol. 25, 2019.

MCLAREN, P. **Pedagogia crítica**: contra o império. São Paulo: Editora Cortez, 2015.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Editora Hucitec, 2012.

MISKALO, A. L.; CIRINO, R. M. B.; FRANÇA, D. M. V. R. "Formação Docente e Inclusão Escolar: Uma Análise a partir das Perspectivas dos Professores". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 14, n. 41, 2023.

NUNES *et al*. "A educação problematizadora e pensamento complexo no ensino na área da saúde". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 17, n. 51, 2024.

OLIVEIRA, J. R. C. *et al*. "Diretrizes curriculares nacionais do curso de enfermagem e a pedagogia de Paulo Freire: uma análise crítica". **Revista Brasileira de Educação Médica**, vol. 48, n. 1, 2024.

PRADO, M. L. *et al*. "Educação em saúde: conceito, história e desafios". **Revista Brasileira de Enfermagem**, vol. 65, n. 3, 2012.

PYO, J. *et al*. "Qualitative research in healthcare: necessity and characteristics". **Journal of Preventive Medicine and Public Health**, vol. 56, n. 1, 2023.

RIBEIRO, L. M. *et al*. "A importância da simulação realística no ensino de enfermagem: revisão analítica". **Revista Tópicos**, vol. 1, n. 1, 2023.

SÁ SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D. M.; GUINDANI, J. F. "Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas". **Revista Brasileira de História e Ciências Sociais**, vol. 1, n. 1, 2009.

SILVA J. R. *et al*. "Avaliação da Aplicabilidade de Metodologias Ativas de Ensino-Aprendizagem na Formação Profissional em Enfermagem". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 14, n. 40, 2023.

SILVEIRA, P. *et al*. "Da perfomatividade à práxis: por um novo modelo de formação docente". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 6, n. 18, 2023.

SLATER, P.; HASSON, F. "Data Measurement, Instruments and Sampling". **Journal of Psychiatric and Mental Health Nursing**, vol. 10, 2024.

SANCHES, A. P. *et al*. "Tecnologias digitais na formação do enfermeiro: desafios e perspectivas". **Revista Gaúcha de Enfermagem**, vol. 44, n. 3, 2023.

SOARES, C. G. "Educação antirracista e democratização do ensino superior". **Revista Contemporânea de Educação**, vol. 16, n. 37, 2021.

SOUZA, M. L. *et al*. "O cuidado em Enfermagem: Uma aproximação Teórica". **Texto e Contexto Enfermagem**, vol. 14, n. 2, 2005.

SILVA, E.; EUGENIO, F. **História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena no Currículo Escolar**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2022.

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Enfermagem**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2021. Disponível em: <www.ufrj.br>. Acesso em: 20/01/2025

YOUNG, M. **What is a curriculum and what can it do?** London: Bloomsbury Academic. 2014.

SANTOS, B. S. *et al*. **Epistemologies of the South**: Justice Against Epistemicide. London: Routledge, 2024.

SOARES, L. **Branquitude e Racismo**: Reflexões sobre a Exclusão Racial na Academia. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

ARRIGONI, A. *et al*. **Políticas Públicas e Equidade Social no Brasil**: Avanços e Desafios. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2022.

GOMES, N. L. **Educação e Relações Raciais**: Reflexões e Experiências. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2017.

FABRI, F.; TASSA, L. **Educação Inclusiva**: Adaptações Curriculares e Práticas Pedagógicas. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio.

GIROUX, H. A. **Teachers as intellectuals**: Toward a critical pedagogy of learning. London: Bloomsbury Publishing. 2024.

GIROUX, H. "Rethinking Education as the Practice of Freedom". **Laprogressive** [2023]. Disponível em: <www.laprogressive.com>. Acesso em: 01/02/2025.

ROBBIANO. C."Chiara Practising Diversity in Education: In Dialogue with Dōgen and Bell Hooks". **Culture and Dialogue**, vol. 40, n. 5, 2023.

SOARES, K. R. B. *et al*. "A educação literária em uma perspectiva sócio crítica de Paulo Freire: ler para humanizar". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 20, n.60, 2024.

WALSH, C. E. "(Re)existence in times of de-existence: political–pedagogical notes to Paulo Freire". **Language and Intercultural Communication**, vol. 21, 2021.

WALSH, C. "Interculturalidade e decolonialidade do poder um pensamento e posicionamento "outro" a partir da diferença colonial". **Revista Eletrônica da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pelotas**, vol. 5, 2019.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano VII | Volume 21 | Nº 61 | Boa Vista |2025

http://www.ioles.com.br/boca

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima